



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS**  
**CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE MIRACEMA- DO TOCATINS**  
**CURSO DE GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO FÍSICA**

**MATEUS PEREIRA CAMPOS**

**A INCLUSÃO NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: UM ESTUDO NARRATIVO**  
**COM PROFESSORES DE EDUCAÇÃO FÍSICA**

**MIRACEMA DO TOCANTINS (TO)**  
**2019**

MATEUS PEREIRA CAMPOS

A INCLUSÃO NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: UM ESTUDO NARRATIVO COM  
PROFESSORES DE EDUCAÇÃO FÍSICA

Monografia apresentada à UFT- Universidade Federal do Tocantins – Campus Universitário de Miracema do Tocantins, para obtenção do título de Licenciado em Educação Física, Orientado pelo Prof. Me. Marciel Barcelos Lano.

MIRACEMA DOTOCANTINS (TO)

2019

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
**Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Tocantins**

---

- P436i Pereira Campos, Mateus Pereira Campos.  
A Inclusão na Educação Física Escolar: Um Estudo Narrativo com professores de Educação Física. / Mateus Pereira Campos Pereira Campos. – Miracema, TO, 2019.  
43 f.  
Monografia Graduação - Universidade Federal do Tocantins – Câmpus Universitário de Miracema - Curso de Educação Física, 2019.  
Orientador: Marciel Barcelos Lano. Barcelos Lano.  
1. Inclusão. 2. Pesquisa narrativa. 3. Educação Física Escolar. 4. Pessoa com deficiência. I. Título

**CDD 796**

---

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que citada a fonte. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

**Elaborado pelo sistema de geração automática de ficha catalográfica da UFT com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).**

MATEUS PEREIRA CAMPOS

A INCLUSÃO NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: UM ESTUDO NARRATIVO COM  
PROFESSORES DE EDUCAÇÃO FÍSICA

Monografia foi avaliada e apresentada à UFT-  
Universidade Federal do Tocantins – Campus  
Universitário de Miracema do Tocantins, Curso  
de Educação Física para obtenção do título de  
licenciado em Educação Física e aprovada em  
sua forma final pelo Orientador e pela Banca  
Examinadora.

Data de aprovação 07/12/2019

Banca Examinadora



---

Profesora Me. Marciel Barcelos Lano – Orientador (UFT)



---

Professor Me. Lucas Xavier Brito – Avaliador (UFT)



---

Professor Dr. Rodrigo Lema Del Rio Martins – Avaliador (UFT)

Dedico este trabalho a minha família, pelo apoio no decorrer da graduação.

## AGRADECIMENTOS

Em minha jornada acadêmica, contei com a ajuda de diversos amigos e familiares, construí relações sólidas com colegas de classe e alguns docentes da Instituição Universidade Federal do Tocantins. Agradeço profundamente a minha mãe **Maria das Graças Pereira Silva**, pois sempre foi minha maior incentivadora para ingressar e continuar na universidade, também agradeço meu avô **Antônio Pereira Silva** (*in memoriam*), que infelizmente faleceu no final de 2018, mas durante seus anos de vida sempre enfatizou para os filhos e netos os benefícios do estudo.

De Maneira muito especial agradeço ao meu pai **Railson Guimaraes Campos**, que mesmo não convivendo cotidianamente ao meu lado, sempre me ajudou e me incentivou a estudar, pai de forma especial lhe agradeço e assim, estendo os agradecimentos a sua esposa.

Construí amizades com dois professores, algo que eu jamais imaginei durante a vida acadêmica, quero dizer que sempre lembrarei do professor **Kliver Marin**, que diante de muitos é uma pessoa durona, mas que diante dos amigos é um sujeito de bom coração e caráter invejável, outro professor que não poderia deixar de citar é meu orientador/amigo **Marciel Barcelos Lano**, foi um orientador que sempre procurou a melhor forma de me ajudar nessa missão de escrita de TCC.

Não poderia deixar de ressaltar a importância do professor **Lucas Xavier**, que foi meu primeiro orientador, me possibilitou um conhecimento amplo sobre a Educação Física, resalto ainda, que muito do meu processo de escrita tem influência desse professor pois ele sempre me incentivou a aprofundar nos estudos da nossa área.

Desde de já agradeço, imensamente, a banca composta pelo professor **Rodrigo Lema Del Rio Martins** e **Lucas Xavier Brito**, pois vocês também fazem parte desse rico processo de aprendizagem e momento único em minha jornada acadêmica, fico grato por ambos terem aceitado o convite.

Citei familiares e professores, mas não se pode esquecer dos amigos, entrei com duas amizades sólidas no curso os também acadêmicos **Maicon Silva** e **Bruno Oliveira**, e saio daqui com a certeza que a amizade transcendeu para o campo da irmandade, outros amigos que tenho fora do campo acadêmico também me acompanharam nesses anos de estudo, desta forma não deixo de citar a SHIELD (Alan, Joaquim, João Roberto, Wanderson Fernandes, Wanderson de Jesus) um grupo de pessoas que considero irmãos.

Agradeço a cada professor e colega de turma, por fazerem parte da construção acadêmica e pessoal, saio daqui com a convicção que fiz o curso certo, que fui agraciado com os melhores professores e que toda essa experiência vale a pena.

Ressalto ainda, que meu trabalho de conclusão de curso só foi possível devido aos dois professores que colaboraram no processo de construção, fico contente em ter tido dois fortes colaboradores que se mostraram engajados em ajudar um futuro colega de profissão.

## RESUMO

O presente trabalho de conclusão de curso se voltou para a inclusão no campo da Educação Física Escolar, desta forma dois professores de Educação Física do Município de Miracema do Tocantins foram entrevistados por meio de uma pesquisa narrativa de caráter qualitativo, se buscou saber qual era a percepção desses professores sobre a inclusão de alunos com deficiência, suas práticas pedagógicas e relações dos professores com os alunos com deficiência e escola. Os professores atuam em escolas distintas o professor 1 trabalha em uma escola da rede estadual de educação, e o professor 2 na rede privada, evidenciou-se que os professores abordaram a inclusão de alunos com deficiência em duas visões distintas, o Professor 1, olha para o processo de inclusão no campo social, voltado para a melhoria do sujeito enquanto cidadão, o professor p2 conceitua a inclusão no campo esportivo, por meio das narrativas conseguimos sanar a objeção dos nossos objetivos de pesquisa.

**Palavras-chave:** Inclusão. Pesquisa narrativa. Educação Física Escolar.

## ABSTRACT

The present work of conclusion of the course turned to the inclusion in the field of School Physical Education, thus two teachers of Physical Education of the Municipality of Miracema do Tocantins were interviewed by means of a qualitative narrative research. Perception of these teachers about the inclusion of students with disabilities, their pedagogical practices and teachers' relationships with students with disabilities and school. The teachers work in different schools, teacher 1 works in a school of the state education network, and teacher 2 in the private school. For the process of inclusion in the social field, aimed at improving the subject as a citizen, teacher p2 conceptualizes inclusion in the sports field, through narratives we managed to remedy the objection of our research objectives

**Keywords:** Inclusion. Narrative research. School Physical Education.

## **LISTA DE SIGLAS**

APAE - Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais.

ECA - Estatuto da Criança e do Adolescente.

EJA – Educação de Jovens e Adultos.

LDB - Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional.

MEC – Ministério da Educação e Cultura.

PCD – Pessoas com Deficiência.

SEDUC - Secretaria Estadual de Educação, Juventude e Esporte.

UEG – Universidade Estadual de Goiás.

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>11</b>
<b>1.1</b>	<b>JUSTIFICATIVA</b>	<b>13</b>
<b>2</b>	<b>OBJETIVOS</b>	<b>14</b>
<b>2.1</b>	<b>Objetivo geral</b>	<b>14</b>
<b>2.2</b>	<b>Objetivos específicos</b>	<b>14</b>
<b>3</b>	<b>METODOLOGIA</b>	<b>15</b>
<b>4</b>	<b>DA HISTÓRIA DAS DEFICIÊNCIAS AO MOVIMENTO INCLUSIVO NO MUNDO</b>	<b>16</b>
<b>4.1</b>	<b>A inclusão na educação e educação física</b>	<b>17</b>
<b>5</b>	<b>OS CONCEITOS DE INCLUSÃO NAS NARRATIVAS DOS PROFESSORES COM FORMAÇÃO EM EDUCAÇÃO FÍSICA</b>	<b>23</b>
<b>5.1</b>	<b>Práticas pedagógicas dos professores diante dos alunos com deficiência</b>	<b>25</b>
<b>5.2</b>	<b>Apoio da escola para os professores de educação física</b>	<b>28</b>
<b>5.3</b>	<b>Relação professor, aluno com deficiência e espaço escolar</b>	<b>31</b>
<b>5.4</b>	<b>Visão sobre a escola para melhorar o acesso aos alunos com deficiência</b>	<b>32</b>
<b>6</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>34</b>
	<b>REFERÊNCIAS</b>	<b>35</b>
	<b>APÊNDICES</b>	<b>39</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Este estudo tem por finalidade compreender como dois professores de Educação Física escolar, por meio de narrativas, compreendem a inclusão de alunos com deficiência nas escolas que atuam como professores.

Desta forma, as narrativas foram se encaminhando para um ponto onde os temas surgidos perpassaram do conceito de inclusão, relação professor/aluno com deficiência e estrutura e apoio da escola para condução de trabalho. A pesquisa foi conduzida com dois professores com formação em educação física, um se encontra atuante em uma escola estadual no município de Miracema do Tocantins/TO, o outro estar empregado em uma escola particular, no mesmo município.

De acordo com o site da Secretaria Estadual de Educação, Juventude e Esporte (SEDUC), o Município de Miracema do Tocantins, possui 6 escolas estaduais, com turmas de ensino fundamental, ensino médio e educação de jovens e adultos (EJA). Já em minhas observações enquanto morador de Miracema do Tocantins, afirmo que atualmente temos 4 escolas particulares que atendem a educação infantil até a primeira fase do ensino fundamental.

Inicialmente, nossa busca por dois docentes atuantes em escolas distintas se deu devido a busca de se entender como cada um analisa a inclusão de alunos com deficiência no seu contexto de atuação. Conforme a pesquisa foi de desenhando percebemos que as narrativas iam do passado para o presente, do presente para o passado (ABRAÃO, 2003), montando uma trilha de sentidos sobre as experiências formativas vivenciadas por esses docentes no seu fazer diário.

Destacamos que a definição/conceituação de deficiência passa por mudanças e processos de debates constantemente, de acordo com Maior (2018) a deficiência é uma cotação que avança em mudanças significativas e multidimensionais e o processo de inclusão de uma pessoa com deficiência depende, meramente, da sociedade assumir seu papel de inclusão tendo em vista que a deficiência é uma “criação social.”

Nesse sentido, termos como “deficiência cognitiva” e “deficiente mental” entre outros foram utilizados de forma pejorativa para classificar os tipos de deficiência e maneira de tratamento das pessoas com deficiência criando assim, um cenário de segregação entre as pessoas e de hierarquização de acordo com suas capacidades, sejam elas físicas e/ou intelectuais o que, historicamente trouxe um impacto significativo até os dias atuais quando falamos de inclusão, seja do ponto de vista educacional ou social.

Algo que nos tem inquietado é como as pessoas com deficiência (PCD) são notadas no ambiente escolar por seus professores, em especial na educação física, como os docentes tem mobilizado práticas pedagógicas para dar conta da formação integral dessas pessoas em uma perspectiva inclusiva? Qual a relação deles com esses alunos?

A constante visibilidade dada as discussões sobre inclusão na escola vem ganhando força e notoriedade. A Educação Física, por sua vez, não tem ficado fora desses tensionamentos. É exigido, desse componente curricular, que ele amplie seus conhecimentos e promova uma prática pedagógica capaz de incluir todos envolvidos no processo educativo e que tenha um olhar atento às questões da inclusão.

Nesse sentido, é importante compreender que a Educação Física trabalha com a cultura corporal de movimento, historicamente construídos e desenvolvidos pelo homem. Nesse sentido, Soares (1996) *apud* Ferreira e Daólio (2014, p. 54), contribui afirmando que.

Os atos de andar, correr e saltar são cotidianos, partes da vida em cotidiano, partes da vida em sociedade, são traços culturais destas ações já inscritas de diferentes formas no corpo dos alunos. Esses atos da vida diária foram transformados em códigos ao longo da história e está “codificação” é o objeto de ensino na educação Física escolar. (FERREIRA; DAÓLIO, 2014, p. 54).

Com esse processo de inclusão, as escolas têm recebido cada vez mais PCD, fazendo com que a disciplina de Educação Física (re)pense pedagogicamente seu atendimento a essas pessoas em suas aulas, na perspectiva de construir uma aula, inclusiva e consciente da diversidade que os alunos trazem.

Sempre é importante destacar que, no Brasil, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) 9.394 de 1996, garante a inclusão dos PCD no ensino regular e em todas as atividades de seu contexto. Sendo assim, a Educação Física, componente curricular obrigatório, deve promover uma adesão ao aluno adequando e adaptado a todos envolvidos no processo de ensino-aprendizagem.

Entendemos o quão importante é o olhar crítico e cuidadoso dos professores com formação em Educação Física, quando estes compreendem quão significativa é para o PCD participar das aulas efetivamente, compartilhando os espaços com os demais colegas de turma, bem como vivenciar o contexto escolar, as discussões que constituem a escola e que enriquecem a formação de todos.

Dessa maneira corroboramos com Milan, Salles e Rodrigues (2017, p 14) quando os mesmos ressaltam que “[...] no caminho traçado pela Educação Física não é cabível que o aluno com deficiência se interaja por si só, o contexto em que o mesmo está inserido deve ser

modificado para a sua inserção”. Desta forma, somos levados a buscar caminhos no qual o aluno com deficiência seja integrado na escola participando, efetivamente, das atividades propostas.

## **1.1 Justificativa**

Justificamos esse trabalho, inicialmente do ponto de vista pessoal já que é necessário debater a inclusão de alunos com deficiência nos cursos de Licenciatura em Educação Física, pois como futuros professores devemos entender que o processo de inclusão desses alunos em nossas aulas tem que ser constante.

Tento em vista a importância de pensarmos em uma educação pública, gratuita e de qualidade para qualquer brasileiro ou estrangeiro residente no país. Mediante isso, defini a temática do trabalho de conclusão de curso usando como base a relevância social do tema e acadêmica.

Outro fator importante a se considerar é que tenho um irmão com deficiência intelectual e, sempre me questioneei como era a inclusão dele na escola e após ingressar no curso de Licenciatura em Educação Física, minha inquietação aumentou, não bastava só incluir ele na escola, mas sim em todo o contexto escolar desde das disciplinas até atividades extraclasse, por isso busquei realizar minha pesquisa na área da inclusão, buscando ver o lado do professor e suas ideias sobre tal assunto.

Cientificamente, esse estudo representa uma primeira iniciativa do curso de licenciatura em educação física de sistematizar, cientificamente, um trabalho sobre inclusão ouvindo os professores no contexto miracemense, alargando as fronteiras da pesquisa na região Norte do país.

## **2 OBJETIVOS**

### **2.1 Objetivos geral**

Compreender como dois professores com formação em educação física entendem o processo de inclusão de pessoas com deficiências em suas aulas no município de Miracema do Tocantins.

### **2.2 Objetivos específicos**

- Identificar as concepções de inclusão veiculadas nas narrativas dos professores com formação em educação física;
- Identificar boas práticas pedagógicas em educação física considerando a inclusão de PCD;
- Identificar e discutir as tensões que atravessam o trabalho pedagógico em educação física em relação aos processos de inclusão.

### 3 METODOLOGIA

Em atendimento aos objetivos propostos e as problemáticas a serem investigadas, optamos como método e ação metodológica assumir a pesquisa narrativa como pressuposto norteador desse estudo.

Para Muylaert et. al., (2014) a pesquisa narrativa tem como objetivo colher vivências e história do entrevistado, a narração do entrevistado sobre determinada temática já nos da base para a escrita. Já Abraão (2003) destaca que a pesquisa narrativa é uma ferramenta potente na medida em que permite ao narrador relembrar sua história, trazer suas experiências ao mesmo passo em que investiga suas práticas.

A autora ainda complementa que a pesquisa narrativa não se preocupa em investigar se as falas são verdadeiras ou não, mas sim analisar aquilo que o narrar considera importante e traz em suas falas.

Os sujeitos da pesquisa foram dois professores com formação o primeiro, denominado P1, possui graduação em educação física pelo Centro Universitário Unirg, na cidade de Gurupi do Tocantins formado no ano de 2009, o mesmo tem 10 anos de experiência na educação básica e, atualmente leciona em uma escola particular que atende a educação infantil séries iniciais e a primeira etapa do ensino fundamental.

Já o segundo docente, denominado P2, possui graduação em educação física pela Universidade de Goiás (UEG) formado no ano de 2011, o mesmo tem 11 de experiência na educação básica e, atualmente leciona em uma escola estadual que atende todo o ensino fundamental.

Reconhecemos nossa inexperiência e Abraão (2003) destaca que, para os investigadores mais novos é importante ter um roteiro que oriente a produção das narrativas, incorporado a crítica da autora, usamos um roteiro da entrevista narrativa com palavras-chave para auxiliar na conversa.

As narrativas foram produzidas no dia 20 de maio de 2019, com P1 e com P2 no dia 30 de junho de 2019, após esse momento, transcrevemos as narrativas e as categorizamos em 3 eixos de discussão, são eles: 1, conceito de inclusão na visão dos professores 2, práticas pedagógicas e 3, relação escola, professor e aluno com deficiência.

#### 4 DA HISTÓRIA DAS DEFICIÊNCIAS AO MOVIMENTO INCLUSIVO NO MUNDO

Historicamente as pessoas com deficiência sofreram discriminação, tendo menos oportunidades em relação aos outros. De acordo com Maciel (2000), no Brasil, milhares de pessoas que tem algum tipo de deficiência sofrem discriminação, esse é um processo historicamente construído pela sociedade.

De acordo com Dicher e Trevesiam (2016) apesar das discussões atuais sobre inclusão, as pessoas com deficiência tiveram que lutar constantemente pelo direito de serem considerados “humanos” ou “pessoas”.

Em uma análise da história humana, em tempos antigos da cultura, a pratica de abandono era comum com pessoas com algum tipo de deficiência Dicher e Trevesiam (2016) citam uma prática dessas na aldeia dos índios *Chiricoa* na Colômbia que descartavam do convívio pessoas com limitação o que também ocorre com alguns povos originários no Brasil.

Todo esse processo de discriminação e isolamento persistiu por séculos até os dias atuais, mas deve-se atentar que essas pessoas, com o passar do tempo, ganharam voz e passaram a ser vistos pelas autoridades, porém ainda sofrem com a precária falta de reconhecimento da população que reproduzem narrativas e práticas contra essas pessoas.

Nesse sentido, Maciel (2000, p. 53), destaca que.

A falta de conhecimento da sociedade, em geral, faz com que a deficiência seja considerada uma doença crônica, um peso ou um problema. O estigma da deficiência é grave, transformando as pessoas cegas, surdas e com deficiências mentais ou físicas em seres incapazes, indefesos, sem direitos, sempre deixados para o segundo lugar na ordem das coisas. É necessário muito esforço para superar este estigma. (MACIEL, 2000, p.53)

Dessa forma, somos levados a refletir que os estigmas e os julgamentos marginalizaram as pessoas com deficiência deixando suas necessidades de lado e demorando para se atentar as suas causas, mas isso vem passando por processos de mudanças, tendo em vistas os projetos de Leis, discussões e luta pelos direitos das pessoas com deficiência.

De acordo com Glat e Fernandes (2005, p. 17),

A educação de alunos com necessidades educativas especiais que, tradicionalmente se pautava num modelo de atendimento segregado, tem se voltado nas últimas duas décadas para a Educação Inclusiva. Esta proposta ganhou força, sobretudo a partir da segunda metade da década de 90 com a difusão da conhecida Declaração de Salamanca (UNESCO, 1994), que entre outros pontos, propõe que as crianças e jovens com necessidades educativas especiais devem ter acesso às escolas regulares, que a elas devem se adequar, pois tais escolas constituem os meios mais capazes para

combater as atitudes discriminatórias, construindo uma sociedade inclusiva e atingindo a educação para todos. (GLAT E FERNANDES, 2005, p. 17).

Na década de 1994 a Declaração de Salamanca foi aprovada com o objetivo de tensionar a produção de políticas públicas e práticas voltadas para a garantia dos direitos das pessoas com deficiência. O objetivo da declaração era a inclusão das pessoas com deficiência no contexto educacional escolar, desta forma seria pensado uma melhoria de estrutura para atender as pessoas com deficiência.

Os princípios que ficam evidente na declaração é que a educação deve ser de todos, deixando as diferenças de lado, a escola tem que se adequar para incluir e maior atenção á crianças com deficiência. Na década de 90 esse importante passo para o processo de inclusão foi promovido.

O processo de inclusão de pessoas com deficiência no campo escolar é visto como algo atual, pois o contexto escolar se atentou a essa pauta em um período recente da nossa história, e se for analisar de forma ampla, os mecanismos de inclusão são recentes até mesmo na história contemporânea da sociedade como fica evidente na fala dos autores.

De acordo com Sasaki (1997) *apud* Ferreira e Daólio (2014, p. 57).

O princípio básico atribuído a inclusão surge na década de 1950 com o nome de princípio da normatização. Estes princípios opõem-se às alternativas criadas de propiciar aos deficientes um modelo de vida que se aproxime de padrões e condições tidas como normais em nossa sociedade. Sasaki, 1997, p.15).

O autor cita uma das estratégias usadas no século passado na qual visava proporcionar ao sujeito com deficiência um estilo de vida parecido com os tidos “normais” aproximando o sujeito com deficiência do padrão de vida dos sujeitos sem deficiência.

A inclusão de pessoas com deficiência veio se tornar uma preocupação na segunda metade do século XX, entretanto essa preocupação no campo educacional veio ganhando força nos anos 90 em diante, e até hoje está em processo de construção, os avanços conquistados até aqui são positivos, mas melhorar sempre é necessário.

#### **4.1 A inclusão na educação e educação física**

Nas estratégias adotada pela Educação Física para incluir as pessoas com deficiência e quais foram os viés desde do primeiro momento até os dias atuais, para isso é importante destacar a fala de Chicon (2008), que aponta a primeira manifestação de Educação Física no

ambiente escolar em forma de Ginástica na transição do século XIX para o século XX, entretanto a mesma não se atentava para as pessoas com deficiência tendo em vista que a Ginástica (Educação Física) era usada para a produção de “corpos perfeitos”.

Chicon (2008), ressalta ainda, que desta forma a Educação Física escolar passou a ser vista como meio de aprimoramento físico e que a pessoa saudável estaria apta para contribuir com a pátria.

Sendo assim a Educação Física escolar priorizava a repetição de movimentos com perfeição, os menos aptos ou sujeitos com deficiência não teriam espaço e atenção dos professores com viés militar o processo de ensino das lições de Educação Física exigia do instrutor a exposição oral e demonstração minuciosa e da classe, imitação precisa (FERREIRA NETO, 1999 *apud* CHICON, 2008, p 63).

Mas com a chegada da segunda metade do século XX a Educação Física passa a fazer parte da inclusão das pessoas com deficiência. A Educação Física começa a se preocupar com a atividade física e o esporte para os sujeitos com deficiência na década de 1950, os corpos mutilados eram usados na Educação Física como uma forma de estudo, e o enfoque inicial para a prática dessas atividades foi a perspectiva médica. Os programas eram denominados ginástica médica e tinham a finalidade de prevenir doenças, utilizando exercícios corretivos e de prevenção, ou seja, eram relacionados com a reabilitação (COSTA; SOUSA, 2004, *apud* CHICON 2008).

A Educação Física adaptada veio para preencher a lacuna da Educação Física que trabalhava buscando uma regeneração ou redução de danos para as PCD.

A Lei 7.853, de 24 de outubro de 1989, dispõe sobre as pessoas com PCD, reafirmou a obrigatoriedade da oferta da Educação Especial em estabelecimentos públicos de ensino destaca que a,

[...] matrícula compulsória em cursos regulares de estabelecimentos públicos e particulares de pessoas [com NEEs] capazes de se integrarem no sistema regular de ensino”; e definiu como crime o ato de “[...] recusar, suspender, procrastinar, cancelar ou fazer cessar, sem justa causa, a inscrição de alunos em estabelecimento de ensino de qualquer curso ou grau, público ou privado, por motivos derivados das [necessidades educacionais] que porta. (BRAIL, 1989).

Dessa maneira, o ambiente escolar deve se adequar para receber as reivindicações destas pessoas com deficiência e isso fica explícito em mais uma Lei e sua derivação a nota técnica de 18 de março de 2015, que propõe orientações aos sistemas de ensino, visando ao cumprimento do artigo 7º da Lei nº 12.764/2012 e regulamentado pelo Decreto nº 8.368/2014. Esse conjunto

de documentos orientam que as instituições de ensino, tanto públicas quanto privadas, devem oportunizar o ensino, também aos alunos com deficiência, em turmas regulares.

Os professores devem direcionar suas estratégias para os alunos com deficiência, pois eles fazem parte da escola igual os outros, negligenciar o trato responsável a esses alunos é descaso, as leis citadas acima reforçam o acesso desses alunos a educação escolar regular.

Mittler (2003) *apud* Ferreira e Daólio (2014, p. 59) apresentam que a inclusão na escola depende de inúmeros fatores. Não basta só querer incluir, tem que ter um suporte e um preparo amplo, no que diz respeito às adaptações físicas do ambiente, a formação continuada de professores, a mudança de concepção com relação a diversidade no ambiente escolar, e assim, a inclusão possa ser realmente efetivada por meio de políticas públicas.

Werneck (1993, p. 56) ainda destaca que “[...] evoluir é perceber que incluir não é tratar igual, pois as pessoas são diferentes. Alunos diferentes terão oportunidades diferentes, para que o ensino alcance os mesmos objetivos. Incluir é abandonar estereótipos”. A fala do autor nos leva refletir que criar a sensação de que todos estão sendo tratados igual, é um pensamento raso, pois cada aluno tem suas características, e dentro da escola isso deve ser levado em conta.

Portanto, todas os componentes curriculares devem se preparar para atender, com qualidade, alunos com deficiência. As pessoas são diferentes, com repertórios motores, sociais e culturais diferentes, independentemente de serem deficientes ou não, o que obriga esse componente curricular a ter uma visão para todos, entendemos suas facilidades e fragilidades. Sobre essa questão, Daolio (2004, p. 2-3) argumenta que:

O profissional de Educação Física não atua sobre o corpo ou movimento em si, não trabalha com o esporte em si, não lida com a ginástica em si. Ele trata do ser humano nas suas manifestações culturais relacionadas ao corpo e ao movimento humano, historicamente definido como jogos, esporte, dança luta e ginástica. O que irá definir se uma ação corporal é digna de trato pedagógico é a própria consideração e análise desta expressão na dinâmica cultural específica do contexto aonde se realiza. DAOLIO, 2004, p. 2-3.

No entanto, o que percebemos ao longo dos anos é que a Educação Física, quando tentou se adaptar para atender alunos com deficiência, ficou marcada não pelos aspectos da esportivização e do viés medicinal. Basta observar que para se trabalhar com os corpos mutilados o principal recurso eram as práticas esportivas, voltada para diminuir danos e promover “saúde” a pessoa deficiente.

É preciso entender os tipos de deficiências e seus respectivos graus, para isso o professor precisa contar com o suporte fundamental de toda a equipe escolar, suporte estes que pode ser prestado por meio de troca de informações e logística de trabalho.

De acordo com Ribeiro (2009), os alunos podem apresentar graus de deficiência diferente, fazendo com o professor adapte seu planejamento e atividades pedagógicas, afim de criar um ambiente para o processo de construção do saber. É notória a tentativa da área em buscar um olhar crítico frente as demandas da escola e em especial ao atendimento as pessoas com deficiência.

Sobre esse olhar inclusivo nas aulas de Educação Física escolar, Dutra, Silva e Rocha (2006, 23.), definem que,

A Educação Física é caracterizada como uma área onde, fazendo-se pequenas adaptações, a participação de todos é possível e, independente das limitações apresentadas por qualquer aluno. Isso permite a interação entre os alunos e, conseqüentemente, a inclusão. DUTRA, SILVA E ROCHA, 2006, 23.

Fazendo uma leitura do presente, a Educação Física, segue evoluindo rumo a busca de aprimoramento de inclusão dessas pessoas, entretanto a leitura crítica das práticas dos professores de Educação Física diante dos alunos com deficiência deve ser analisada e observada, especialmente objetivando que, não só eles, mas todos incluídos no processo educativo criem uma consciência social sobre seu papel na sociedade enquanto agente transformador.

Um entendimento da necessidade de inclusão de pessoas e alunos com deficiência se faz necessário, é inadmissível a educação não criar narrativas que possa incluir alunos com especificidades. O caminho para a inclusão passa por dentro da escola, o aluno deficiente ao se sentir incluso aprende a importância de ser bem acolhido, e conseqüentemente os outros alunos aprender a respeitar as diferenças.

Ao se discutir o conceito de inclusão devemos estar atentos aos sentidos que essa palavra traz, pois, definir a inclusão não é fácil, devemos traçar primeiro ela no campo social, depois na escola e por fim, na Educação Física escolar. Nossa sociedade, historicamente, foi marcada pelo processo exclusão. Silva (2014), aponta que a exclusão é o ato de vedar/limitar acessos de determinadas pessoas há espaços, instituições, vias, ou seja, do seu direito de *ir e vir e ser e estar*.

Silva e Panarotto (2014), também destacam que a exclusão geralmente ocorre contra classes menos prestigiadas, negros, mulheres e pessoas com deficiência tanto na sociedade em geral como nos espaços escolares, da educação básica ao ensino superior.

É necessário fazer um processo de transição da exclusão para a inclusão, oportunizar que pessoas possam ser envolvidas em espaços e recebimento de serviços, assim buscamos

entender como P1 e P2 narram vivências sobre seu trabalho em relação aos alunos com deficiência.

Entretanto, devemos focar no conceito inclusão, pois em pleno século XXI os debates e políticas públicas para promoção da inclusão vem ganhando força e notoriedade. De acordo com Freire (2008. p. 43).

A inclusão é um movimento educacional, mas também social e político que vem defender o direito de todos os indivíduos participarem, de uma forma consciente e responsável, na sociedade de que fazem parte, e de serem aceites e respeitados naquilo que os diferencia dos outros. No contexto educacional, vem, também, defender o direito de todos os alunos desenvolverem e concretizarem as suas potencialidades, bem como de apropriarem as competências que lhes permitam exercer o seu direito de cidadania, através de uma educação de qualidade, que foi talhada tendo em conta as suas necessidades, interesses e características. FREIRE, 2008. p. 43.

O autor, destaca a inclusão abrangendo o contexto social e educacional das pessoas, reforçando seu sentido em busca de melhoria de interação/participação e equidade de condição entre as pessoas. Já na Educação Física, os professores são agentes que trabalham com os alunos com deficiência a partir das práticas corporais, mas vale ressaltar que nem sempre a Educação Física esteve a serviço das pessoas com deficiência.

Em um certo período histórico a educação física trabalhou somente com produção de “corpos perfeitos” para servir a pátria, demanda do mercado e, especialmente formar o modelo de homem brasileiro durante o século XX, esse componente curricular ficou marcado pela reprodução e criação deste homem ideal.

Para essa nova sociedade, tornava-se necessário "construir" um novo homem: mais forte, mais ágil, mais empreendedor. Como a riqueza produzida por essa nova sociedade "pertencia" a poucos, a miséria como seu avesso "pertencia" a muitos: exatamente àqueles que produziam a riqueza exaurindo as forças de seu próprio corpo. Isso mesmo, a força física, a energia física, transformava-se em força de trabalho e era vendida como mais uma mercadoria, pois era a única coisa que o trabalhador dispunha para oferecer no "mercado" dessa chamada 'sociedade livre'. (FREIRE, 2008. p. 45)

A citação evidencia como é a escala financeira, aqueles que são excluídos e menos oportunizados acabam ficando com poucas riquezas, já o homem dito como empreendedor, criador de riquezas e ativo na sociedade possuem mais bens financeiros, a inclusão não serve apenas para oportunidade de acesso a espaços, mas oportunidades de construção de uma vida mais estável e independente.

Na segunda metade do século 1950, a Educação Física voltou o seu olhar para os “corpos imperfeitos”, eles passaram a ser objeto de estudo e aplicação, não podemos negar que nesse

período iniciou-se “inclusão” das pessoas com deficiência no campo da Educação Física, como destaca Chicon e Rodrigues (2013) *apud* Costa e Souza (2004, p. 34).

A Educação Física começa a se preocupar com a atividade física e o esporte para pessoas com NEEs apenas, aproximadamente, no final dos anos de 1950, e o enfoque inicial para a prática dessas atividades foi o médico. Os programas eram denominados ginástica médica e tinham a finalidade de prevenir doenças, utilizando para tantos exercícios corretivos e de prevenção, ou seja, eram relacionados com a reabilitação. (CHICON; RODRIGUES 2013, p. 07).

No processo de inclusão na Educação Física escolar é importante compreender que cada aluno tem sua particularidade, desta forma o professor deve se atentar as especificidades de cada um sem desvalorizar a bagagem cultural que esse aluno traz.

Carmo (2002), aborda que os agentes educacionais muitas vezes se apresentam confusos e desorientados em relação a ideia de trabalhar em uma mesma sala com alunos com e sem deficiência, assim a ideia de inclusão se pauta no discurso, não oferecendo suporte aos professores na ação prática, acabando por gerar uma exclusão silenciosa.

Mandarino (2001), aponta que a Educação Física adaptada interpretada no campo pedagógico, despontava como a ação potencializadora para os alunos com deficiência, com isso, a inclusão já estaria sendo feita, desta forma os professores de Educação Física escolar podem acabar se apegando a uma Educação Física inclusiva com o puro viés medicinal, ignorando a bagagem dos alunos e suas peculiaridades.

Essas duas perspectivas impactam no campo da educação física, especialmente na construção de práticas pedagógicas e na forma de compreender o que é “inclusão” no contexto desse componente curricular.

Entendemos que os professores com formação em Educação Física escolar devem se atentara diversidade promovendo a inclusão com um outro olhar abrangente. Sobre a diversidade, Ferre (2001, p.197), destaca que: “Educar na diversidade, respeitando a identidade de cada um, aceitar e respeitar as diferenças a partir da igualdade entre os seres humanos, poderiam ser frases de manual [...], adaptáveis a qualquer enfoque que se queira dar à educação hoje”.

## 5 OS CONCEITOS DE INCLUSÃO NAS NARRATIVAS DOS PROFESSORES COM FORMAÇÃO EM EDUCAÇÃO FÍSICA

Diante do discutido até o momento no presente trabalho de conclusão de curso, as primeiras narrativas que produzimos junto aos professores procuravam elucidar o que era inclusão para eles. P1 apresentou uma concepção de inclusão a partir do viés social “[...], assim, muitos dirão que é subjetivo, mas eu acredito na igualdade social e o retorno vem, quando a gente trata o cidadão como cidadão os frutos vêm, ninguém nasceu para apanhar, apanhar socialmente e sofrer.” (NARRATIVA, P1, 2019).

P1, em sua narrativa, coloca a inclusão em um campo social, sua fala deixa nítido que a inclusão perpassa pelo trabalho social diante das pessoas, em especial as PCD. Neste sentido a narrativa dialoga com Veiga-Neto e Lopes (2011) que definem a inclusão como conjuntos de práticas para readequar pessoa ou pessoas, também pode ser entendida como o direito delas de se auto representarem, participarem de espaços públicos, tendo acessos a direitos e serem contempladas por políticas governamentais.

Já P2 forneceu narrou sua concepção de inclusão do ponto de vista do paradigma esportivo. Ele afirma em sua fala que o esporte em si não causa o processo de inclusão.

A inclusão, como o próprio nome diz é o ato de incluir de estar ali participando e vendo tudo, a inclusão é ao contrário a tudo que o esporte prega, é quando a gente fala de incluir é no sentido de todas as pessoas terem a mesma oportunidade a mesma participação, incluir é dá oportunidades as pessoas, como o negro que é incluído em ambiente de branco deixando a questão racial, então incluir é isso dá oportunidade a todos. (NARRATIVA, P2, 2019).

A narrativa do P2, é motivo de debate na Educação Física em geral, nem sempre o esporte contempla a expectativa de incluir, formar cidadãos e aumentar a interação entre seus praticantes. Já para Mantoan (2003), apud Junqueira e Bacciotto (2004, p.1), “A inclusão é a modificação da sociedade, sendo ela adaptada para receber as pessoas com deficiência”. Para a autora, não basta somente a preparação do ambiente escolar para a inclusão dos alunos, ou seja, os alunos se adaptarem para serem incluídos na escola, é preciso também que a escola mude para receber os alunos.

. No âmbito escolar isso é uma prática que ainda perdura, haja vista os estudos de denúncia que ecoam na área (CHICON, 2008).

Competições, jogos entre turmas ou escolas os alunos com recursos técnicos serão selecionados enquanto os que não tem o mesmo repertório de habilidade fica em segundo plano,

passa a ser um excluído no contexto esportivo, criando uma dupla exclusão a vivenciada pelo com e sem deficiência.

A narrativa de P2 também dá espaço para uma releitura de como incluir por meio dos esportes praticados na escola, pois atualmente, é possível incluir alunos com deficiência em vivências dentro e fora da escola. Por exemplo, ao se pensar em uma prática esportiva para um aluno com deficiência física, o professor pode pensar em formar de pedagogizar as ações com o intuito de promover a inclusão de todos na aula.

Sá e Chicon (2012), relatam que para se trabalhar com alunos deficiente físico, o professor precisa mapear as condições escolares e formar parceria com os familiares. Os autores ainda aprofundam em sua escrita, dando indícios de outras práticas que podem ser mobilizadas nesse contexto, especialmente por meio do esporte.

Podemos propor efetivamente algumas práticas adaptadas que tanto podem se configurar no campo dos esportes adaptados propriamente ditos (atletismo, natação, basquetebol em cadeiras de rodas, voleibol sentado, entre outros), como, também, pensar em práticas corporais adaptadas, conforme apresentaremos a seguir, desde que, ao pensá-las, tomemos como lógica, nesse movimento, aquilo que o aluno é capaz de fazer (possibilidade) na atividade proposta, mesmo que para isso precisemos criar condições diferenciadas para o aluno com deficiência (SÁ; CHICON, 2012, p. 55).

Assim as narrativas de P1 e P2 sobre o que é inclusão passaram por duas concepções, P1 voltou o seu olhar para uma vertente social, entendendo que a educação física tem o dever que promover a inclusão social, além da corporal, P2 definiu tem uma concepção de inclusão na educação física como ação que visa incluir todos por meio da prática dos esportes.

Outras narrativas que nos chamaram atenção de P1 e P2 foram sobre como a Educação Física pode contribuir no processo de formação dos alunos com deficiência. P1, ao se debruçar sobre o esporte como contribuição para a formação desses alunos destacou.

A Educação Física pode contribuir formando esse cidadão e incluindo ele, lógico que uma hora terá que aperfeiçoar a parte técnica (no que se refere ao esporte), mas ele estará incluso, porque a Educação Física realmente inclui, ela não julga cor e deficiência, ela enxerga potencialidade, um cego não deixará de ser cego, mas a cada evolução ele estará rompendo barreiras pois ele estará agregando coisas graças à Educação Física. (NARRATIVA, P1, 2019).

P2 foi direto em sua narrativa e focou nos resultados voltado a saúde “A Educação Física vem trazendo melhorias na saúde, elas propõem uma saúde forma mais barata e acessível.” (NARRATIVA, P2, 2019)

A narrativa de P1, sobre a contribuição da Educação Física na formação dos alunos se voltou a própria disciplina da Educação Física escolar, que se for conduzida de maneira correta pode vim a somar na vida estudantil desses alunos. Já P2 olha para a Educação Física voltada para a promoção de saúde para os alunos com deficiência, a narrativa dele se encontra presente na Educação Física nos dias atuais, porque durante décadas a nosso campo de atuação só olhou para os sujeitos com deficiência com o mero objetivo de ocasionar cura e minimizar danos.

Não podemos apontar uma resposta pronta sobre os benefícios da Educação Física para alunos com deficiência, uma vez que há diversos benefícios apontada pela literatura especializada (SÁ; CHICON, 2012), mas devemos reconhecer que negar o conhecimento a eles é negligenciar seu acesso à educação, cultura, esporte e lazer e, especialmente, aos bens culturais imateriais da humanidade que fazem parte dos conteúdos de ensino da educação física na escola.

As narrativas dos P1 e P2 sobre a inclusão e como a Educação Física ajuda no processo/formação dos alunos com deficiência, se mostraram baseada em dois lado, P1 citou a Educação Física em si, a que promove movimentos, gestos e aperfeiçoamento técnico, P2 foi mais para o lado medicinal esportivo, mas as narrativas são válidas porque tem como base contexto escolar no caso de P1 e histórico no caso de P2.

### **5.1 Práticas pedagógicas dos professores diante dos alunos com deficiência**

Os professores devem ponderar para as práticas ou estratégias pedagógicas que contemplem os alunos, neste sentido, Barbosa e Horn (2008), ressaltam que é importante pensar sobre a dinâmica da sociedade contemporânea, sendo assim é preciso produzir maneiras de ensinar crianças, jovens e adultos para a partir da inclusão.

É importante destacar que o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), Lei 8. 069 de 13 de julho de 1990, Brasil (1990), no Artigo 53, determina que: “a criança e o adolescente têm direito à educação, visando ao pleno desenvolvimento de sua pessoa, preparo para o exercício da cidadania e qualificação para o trabalho.” reforçando os direitos a educação entre outros.

Para reafirmar o acesso à educação, a Lei de Diretrizes e Base da Educação Nacional, Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, Brasil (1996), determina no artigo 4 Inciso VI que: “O dever do Estado com educação escolar pública será efetivado mediante a garantia de que deve oferta de educação regular para jovens e adultos, com características e modalidades

adequadas às suas necessidades e disponibilidades, garantindo-se aos que forem trabalhadores as condições de acesso e permanência na escola”.

Nogueira (2014), destaca que na escola é comum casos de marginalização e discriminação com alunos com deficiência, entretanto cabe ao professor, em nosso caso o professor com formação em Educação Física a conscientização dos demais alunos e desenvolvimento de atividades que tenha a participação desses alunos.

Nas narrativas de P1 e P2, eles destacam as práticas pedagógicas realizadas com os alunos com deficiência em suas classes. Sendo assim, se faz necessário, antes de qualquer discussão acerca do assunto, reforçar que a criança tem por Lei direito a educação de qualidade.

Desta forma, buscamos nas narrativas dos professores compreender como eles realizavam o trabalho pedagógico com os alunos com deficiência.

P1, narrou a experiência que teve na APAE<sup>1</sup> no município de Gurupi/Tocantins, durante sua graduação em um determinado semestre, ele atuou juntamente com outros colegas de turma na APAE desenvolvendo trabalhos com o público específico, essa ação produzida na formação inicial do docente impactou na forma como ele narrou sua experiência, especialmente pensando a parte procedimental.

[...] quando eu finalizei o curso de Educação Física, antes nós tivemos no 4 período o nome da disciplina era Educação Física especial, então nós passamos seis(6) meses é fazendo nesse período atividades dentro da APAE, no município de Gurupi no Tocantins, e foi experiência com todos os especificidades digamos assim, é... de cada criança de cada adulto, e até de idoso que lá tinha com suas peculiaridades, então lá a gente fazia trabalhos diferenciados tudo de acordo com a demanda, então atividade física é trabalho psicomotor, tudo que era da nossa incumbência enquanto graduando de Educação Física. (NARRATIVA, P1, 2019).

P1, ainda destacou que na escola em que trabalha atualmente ele tem uma aluna com autismo nível médio, e que para incluir elas nas aulas de Educação Física, uma prática pedagógica adotada, foi determinar funções para a aluna dentro das atividades. O professor destacou:

Mas eu converso muito com ela e sempre deixo que as atividades sejam interessantes pra ela, dando muitas vezes capitulinas dentro dos jogos é... colocando ela como um ponto chave dentro da atividade para inserir ela totalmente, e que para que os outros alunos consiga também fazer com que ela participe, sendo ela um dos pontos principais nas atividades (NARRATIVA, P1, 2019).

<sup>1</sup> Apae - Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais nasceu em 1954, no Rio de Janeiro. Caracteriza-se por ser uma organização social, cujo objetivo principal é promover a atenção integral à pessoa com deficiência, prioritariamente aquela com deficiência intelectual e múltipla. A Rede Apae destaca-se por seu pioneirismo e capilaridade, estando presente, atualmente, em mais de 2.200 mil municípios em todo o território nacional. Disponível em: < <https://apaebrazil.org.br/pagina/a-apaee>>. Acesso em out. 2019.

A narrativa de P1 nos chamou atenção, pois ele evidenciou que uma de suas alunas, com deficiência intelectual, participa de forma integral das aulas. O interessante na narrativa do docente é que ele direciona a aluna o tempo todo dando protagonismo para ela, deixando-a inteirada das atividades e envolvendo os outros alunos para que todos participem.

A ação pedagógica de P1 é importante pois ele tem uma logística boa para trabalhar com a aluna, a sua fala dialoga com Sá e Chicon (2012, p. 65). Os autores, apontam que para se trabalhar com alunos deficiente intelectual “é necessário sempre orientar e reforçar a orientação no decorrer das atividades”, as atividades devem ser chamativas, por isso é interessante exploração de cores, objetos e exemplos.

O professor P2, também destacou sua prática pedagógica.

[...] Tive (aluno) com baixa visão, trabalhei com ele enquanto estive no Goiás, e agente tentou adequar o fator respeito, pois os alunos não entendiam o fato dele ter o problema, e os alunos faziam brincadeira e Bulling chamando ele de “fundo de garrafa” e eu usava óculos também, a gente tentou trazer os alunos para a realidade dele, a gente fez uma dinâmica bem interessante eu comprei os óculos de mergulhos bem baratinhos, e escureci as lentes e coloquei os alunos considerados normais para estar usando e passar o dia conhecendo as dificuldades e limitações por enxergar pouco (NARRATIVA, P2, 2019).

A narrativa de P2 destaca um trabalho realizado quando atuava em outra escola rememorando as experiências vivenciadas ao longo da sua carreira. Ele narra uma ação em que envolveu os alunos em uma ação que objetivava compartilhar a realidade do deficiente visual, os demais alunos da turma foram colocados na situação de deficientes visuais, P2, inverteu o processo, ele trouxe a turma para a realidade do aluno com visão baixa, a sua pratica possibilitou ao restante da turma vivenciar as dificuldades do colega de classe.

Para se trabalhar com alunos com baixa ou sem visão, esportes de quadra podem ser adaptados, pegamos como referência o Futebol de salão, Sá e Chicon (2012), citam como exemplo que ao se adaptar o futebol para o aluno com deficiência visual basta adequar as regras, como: validar o gol somente no caso do aluno com baixa visão marcar, ou todo o time passar a bola para o aluno para prosseguir atacando.

Os professores narram práticas feitas com alunos com deficiência em suas salas de aula, no destaque das suas práticas se notou mais a ação da atividade em si, mas não a discussão diante da turma da importância de se incluir e respeitadas as diferenças. Entretanto, a partir da experiência da turma com as atividades propostas por P1 e P2, já se nota uma discussão sobre inclusão dentro da aula pratica, pois, o ato de se colocar no lugar do outro, já nos dá margem para entender as dificuldades e possibilidades do próximo.

Notamos nas narrativas de P1 e P2 a experiência de ambos juntamente com as práticas pedagógicas adotada pelos dois, entretanto devemos nos atentar sobre o conceito de experiência, Bondía (2002) cita que devemos conceituar a experiência/sentido no campo da educação, *a informação em si não é experiência, a vivencia em si gera a experiência.*

As vivencias de P1 e P2, de acordo com Bondía (2002) são evidencias que os dois tem experiência, pois não basta só a teoria tem que ter a vivencia junto com a pratica, pois é isso que nos conceitua a experiência, assim tornando aquilo que os passou como aprendizagens, como movimentos formativos escritos no corpo nos espaços por onde passaram.

O professor precisa entender as especificidades dos alunos com deficiência, em seguida fazer o entendimento de qual prática pedagógica adotará para promoção do acesso ao ensino para eles, e por fim entender como agir ao encontra-los, isso alarga suas experiências (SCHWARTZ, 2010) possibilitando a eles resolverem os problemas cotidianos a partir das vivências anteriores.

As narrativas dos professores P1 e P2, englobam esses três pilares citados acima, que é o entendimento de cada aluno, escolha da pratica pedagógica e ganho de experiência na atuação enquanto docente. P1, dá protagonismo a aluna com deficiência intelectual, P2 fez a turma refletir sobre as dificuldades que o colega de classe com baixa visão passa no seu dia a dia.

## **5.2 Apoio da escola para os professores de educação física**

A escola, na sociedade atual, não pode ficar rotulada de apenas como um espaço de ensino de conhecimentos, pois as funções da escola diante dos alunos cresceram com o passar do tempo ela já agrega outros valores além da produção de saberes.

A Escola não pode continuar a ser apenas um local de instrução, mas tem de ser também um local onde se personaliza, socializa e educa. Este papel não pertence somente à família. A Escola tem de ser um local de diálogo onde os jovens possam participar de uma forma empenhada e alegre no seu projecto educativo. Deste modo deixaremos de formar jovens passivos, conformados e sem opinião, para formarmos jovens participativos, activos, com iniciativa e criatividade, com autonomia, dinâmicos e críticos (SAMPAIO, 1996, p. 20).

Entender a escola como um local de aceitação para os alunos é algo constantemente debatido no ciclo da educação, a melhoria ao atendimento para alunos com deficiência é almejada por todos os profissionais da escola, entretanto, no cotidiano da escola pode existir lacunas no apoio prestado ao professor de Educação Física quando ele tem alunos com deficiência nas salas de aula.

Os professores P1 e P2 teceram narrativas em relação ao apoio da equipe pedagógica, tencionamos para compreender como ocorre o trabalho na escola em relação aos alunos com deficiência. P1 destaca que.

[...] isso é muito aleatório, porque tem momentos que quando o aluno chega e ele tem um grau muito alto... eu já tive aluno com esquizofrenia leve que professores outros professores de Educação Física não conseguiram fazer ele executar atividades e eu já não tive problema, eu acredito que foi como eu te falei vai muito da sensibilidade que o professor tem. Sobre essa situação da coordenação, da equipe técnica e da secretaria quando é um grau muito alto que podem gerar problemas dentro da sala eles avisam, quando as vezes é um grau muito leve que eu descubro muitas vezes a secretariada da escola/ parte administrativa nem estava sabendo, porque muitas vezes Mateus o próprio pai e a mãe não entregam o laudo da criança (NARRATIVA, P1, 2019).

Ainda sobre o tema, P1, narra como ele interpretava a contribuição da escola nos planejamentos para as aulas de Educação Física. Neste sentido, ele identifica a lacuna de todo o sistema educacional e não somente a escola:

É como te falei, são vários gargalos, então nós temos dentro de um sistema educacional falhas que são gritantes e que se mudadas, transformadas, qualificadas também vai transformar totalmente a rede educacional, evoluir, melhorar ter a entrega que os alunos precisam ter pra esse estudo qualificado, então não só porque coordenação não te dá *feedback*, mas a coordenação não te dá *feedback* não só pela Educação Física porque tem outras disciplinas que sofrem esse abandono, então eu não te digo que por causa de A,B ou C da coordenação da escola tal, mas é um sistema educacional com muitas falhas e que não procuram resolver esse problema e não é na escola "X" de Miracema é no Estado, eu creio que é no País inteiro é uma falha muito grande e são esses pequenos trabalho que formam o processo que ao invés de ser positivo (NARRATIVA, P1, 2019).

P1, ainda destaca que ele evidenciou que a disciplina de Educação Física sofre um certo descaso nas escolas juntamente com a Artes e Filosofia, essa fala nos leva a pensar como existe um grupo de disciplinas que são privilegiadas na escola em detrimento de outras.

Charlot (2000) destaca que a escola é o lugar da palavra, do saber sistematizados em objetos, com isso, disciplinas que discutem/ensinam outras formas de saberes têm sido negligenciadas por aqueles responsáveis pelo processo de escolarização.

A Educação Física é a disciplina como Artes e Filosofia é desconsideradas dentro da Educação, a rede pública ela trata a Educação Física como algo a mais, mas que não soma, então nós não temos esse... esse enlace eles precisam do protocolo, o que é esse protocolo é a execução do planejamento tudo inscrito por causa desse cumprimento burocrático para diários e processos né, mas em relação a parte física mesmo de presença não... não tem, acredito que nem na escola particular porque isso virou um ciclo vicioso justamente porque não dão a Educação Física o merecimento que ela precisa ter para desenvolver e ajudar nesse trabalho educacional (NARRATIVA, P1, 2019).

A narrativa de P1 nos leva a refletir em cima da análise de Silveira (2005), que relata que o modelo educacional brasileiro continua presa aos modelos educacionais do século passado, pois o sistema educacional brasileiro ainda prioriza determinadas disciplinas enquanto outras ficam em segundo escalão na hierarquia de conteúdos escolar. Em determinado momento da narrativa de P1, se nota diretamente que ele enquanto professor sente algumas disciplinas do currículo escolar tratadas como menos importante.

Já na Narrativa de P2, destaca que a equipe da sua escola atual fornece a eles todas as informações possíveis relacionada a alunos com deficiência, deixando evidente a satisfação dele com a equipe pedagógica.

Aqui tem o trabalho com a moça, que atua na sala especial diretamente, ela é pedagoga e trabalha na sala de recursos e ela diretamente repassa laudos, e respostas de resultado de trabalho e isso é constantemente, a gente tem nossos planejamentos toda terça feira e todas as novidades (em relação aos alunos com deficiência) " tá" sendo repassada. (NARRATIVA, P2, 2019).

As narrativas de P1 e P2, mostra como os panoramas das escolas podem ser diferentes, P1 narrou diversos problemas que atrapalharam o seu trabalho, falta efetiva da equipe pedagógica, familiares que não apresentam os laudos das crianças e a desvalorização da Educação Física enquanto disciplina. P2, narrou que na sua escola ocorre a troca de informações quando chega um aluno com deficiência, assim o trabalho conjunto entre equipe pedagógica mais professor de Educação Física facilita na forma de se trabalhar com estes alunos.

Silveira (2005) ressalta que a escola, por vezes, precisa se distanciar do modelo tradicional historicamente construído. Ela precisa funcionar como um elemento integrado, assim o trabalho é qualificado. Quando se trata de atender as questões dos alunos com deficiência a escola ao todo tem que estar voltada para esses alunos, o discurso em relação a inclusão deve ser unanimidade, nas narrativas ficou claro que em relação ao trabalho de apoio prestado pelas escolas P1, narrou problemáticas e P2 pontuou elogios a uma companheira de trabalho.

### **5.3 Relação professor, aluno com deficiência e espaço escolar**

No debate sobre Educação Inclusiva na perspectiva escolar Silva (2011), destaca que a escola deve proporcionar aos alunos espaços para aprendizagem significativas, para se fazer uma educação inclusiva devemos ter como base a socialização” a fala da autora nos dá como o

norte a socialização de saberes para os sujeitos independente das diferenças, e assim será promovido a inclusão dos alunos no universo educacional.

Já quando nos referimos a educação inclusiva para alunos com deficiência é preciso, primeiro, entender as dificuldades das escolas que muitas das vezes não têm o mínimo norteamento de como traçar metodologias de trabalho para os alunos com deficiências. P1 e P2 foram indagados sobre como ambos se relacionam com os alunos com deficiência.

É você sabe que eu sou amigo do X1<sup>2</sup> (Sujeito com deficiência múltipla), né tem muito tempo, eu conheci o X1 antes, como também tem outros alunos, como a X2 que tem problema visual, também tem o X3, e o X4 que tem deficiência intelectual leve, mas tem deficiência, nós tínhamos também a X5 que tinha deficiência intelectual e era atleta de tênis de mesa a X2 fazia tênis de mesa e atletismo e o X1 fazia outras atividades, e fora outros alunos né, então assim gente cria um vínculo, quando a gente vê que a pessoa tem características não que ela não é normal, mas como se ela precisasse de proteção porque são poucos como eles no mundo é um percentual difícil de fazer comparativo, não tem como comparar porque além da deficiência são deficiências diferentes, não é tipo 100mil pessoas com a mesma deficiência seria mais fácil de ser tratado, então a gente acaba pegando pra gente o convívio, porque eles sofrem algumas represarias e certos olhares tortos de alguém então eles veem na gente alguém que realmente pode agregar pra eles, e eles falam da vida, fala sobre atividades da escola, pedem opinião e a gente acaba tentando ajudar como cidadão. (NARRATIVA, P1, 2019).

Já P2 traz uma narrativa, ligada a relação professor-aluno de forma mais direta. “Minha relação é normal, o fato dele(a) ter deficiência, não gera um desconforto.” (NARRATIVA, P2, 2019).

A narrativa de P1, aborda muito o contexto esportivo, pois ele direcionou muito desses alunos para as práticas de atividades relacionada ao esporte, em seguida ele realça sua narrativa no campo social, se colocando, até mesmo como um conselheiro desses alunos. P2, foi mais direto em sua narrativa, considerando sua forma de lidar com esses alunos como normal no seu campo profissional.

---

<sup>2</sup> Justificamos que usamos X1, X2, X3, X4, X5 para citar os estudantes que foram citados na entrevista pelo professor P1, objetivando manter o sigilo da identidade dos mesmos. Alguns nomes foram repetidos mais de uma vez na narrativa de P1, por isso ocorre a repetição de X1 e X2.

#### 5.4 Visão sobre a escola para melhorar o acesso aos alunos com deficiência

Ao realizar a pergunta sobre a estrutura física da escola para contemplar as necessidades e especificidades dos alunos com deficiência. P1 faz críticas ao Ministério da Educação, ele cita que a mudança deveria vim de cima para baixo, ou seja, as lideranças políticas e órgãos responsáveis pela educação deveria se atentar sobre as pautas dos alunos com deficiência, adequando as escolas e capacitando melhor os professores para lidar com esse público. P1. “Eu creio que essa mudança primeiramente tem que partir do MEC e do governo federal, eles (Políticos) defendem a inclusão, mas não buscam promover isso, fica só no discurso” (NARRATIVA, P1, 2019)

A lei 13.146, de 6 de julho de 2015 (BRASIL, 2015) no Art. 3º trata dos fins de aplicação desta Lei, consideram-se:

I - acessibilidade: possibilidade e condição de alcance para utilização, com segurança e autonomia, de espaços, mobiliários, equipamentos urbanos, edificações, transportes, informação e comunicação, inclusive seus sistemas e tecnologias, bem como de outros serviços e instalações abertos ao público, de uso público ou privados de uso coletivo, tanto na zona urbana como na rural, por pessoa com deficiência ou com mobilidade reduzida. BRASIL, 2015.

A Lei destaca acerca dos espaços adequados para atender as pessoas com deficiência, a narrativa de P1 não destaca estrutura física ou organizacional, ele voltou a sua crítica a camada política que muitas vezes fazem as Leis, mas não as cumprem ou não implementam ações que concretizem isso na escola ou em quaisquer espaços em que elas deveriam ser empregadas.

Outra fala do professor P1 ainda no viés dessa pergunta foi sobre uma possível falta de capacitação dos professores, a fala de P1 se volta outra vez ao Ministério da Educação e instituições públicas de ensino.

Então, não tem como fugir dessa situação, essa mudança tem que vim lá de cima da parte do MEC, enquanto o MEC não entender toda a situação dos alunos e só joga-los na sala de aula nada vai acontecer, então fica difícil capacitar o professor e falta sim investir na capacitação por parte do poder público e até mesmo da própria UFT, após capacitar ai sim teremos uma lógica comum de trabalho. (NARRATIVA, P1, 2019).

Ficou evidente que o professor não fala da estrutura física da escola, sua análise foi em relação ao que não vem sendo feito pelo poder Estatal para melhorar os meios de inclusão dos alunos com deficiência, assim, P1 expressa certa inquietação com a passividade do Estado brasileiro diante dos anseios dos alunos com deficiência.

P2, teceu elogios a escola em que atua, o docente em sua narrativa considera a escola adaptada para atender esses alunos, e novamente reforçou o ótimo trabalho da equipe pedagógica que dá um suporte eficiente a ele Professor P1 “a escola tem rampas, banheiros adaptados e é espaçosa, porém não tem uma quadra esportiva” (NARRATIVA, P2, 2019).

A narrativa de P2 se volta a estrutura física escolar, ao destacar a falta de uma quadra esportiva. Nesse ponto, refletimos sobre a falta de estruturação da escola de acordo com “O Globo” a cada 10 escolas no Brasil, 6 se encontra sem uma quadra esportiva para seus alunos, e esse fato da falta de quadras poliesportivas levam ao “congelamento” da disciplina de Educação Física que não tem seu principal espaço de atuação, outro dado é que escolas do Norte e Nordeste do Brasil são as que mais aparecem no apontamento da matéria pela falta da quadra, impactando na forma como os conteúdos são compartilhados com os alunos, especialmente os com deficiência.

Destacamos que não estamos dizendo que para fazer um trabalho de qualidade é necessário um espaço físico privilegiado, mas apenas chamando atenção para como a narrativa dos professores tensionam essa ausência.

A escola de P2 infelizmente faz parte desta estatística, a falta de uma quadra dificulta a progressão de vários conteúdos, deixando tanto os alunos quanto professor em uma situação de pura improvisação de espaços para ministração das aulas.

Desta forma fica evidente o apelo do professor P1 com os órgãos e o poder público que exige a inclusão dos alunos com deficiência, mas não vem promovendo isso, enquanto o professor p2 reconhece seu espaço de trabalho como adaptado, mesmo com a falta da quadra.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho de conclusão de curso cujo a temática principal é a inclusão na Educação Física escolar, tinha como objetivo geral compreender como dois professores com formação em educação física entendem o processo de inclusão de pessoas com deficiências em suas aulas no município de Miracema do Tocantins, para isso foi entrevistado dois docentes que durante nossa escrita foram classificados como P1 e P2, diante de suas narrativas foi contemplado o objetivo geral do trabalho, as narrativas de ambos explicitou as concepções deles sobre a inclusão de alunos com deficiência na Educação Física escolar.

Nesse sentido, as concepções identificadas destacaram a compreensão da inclusão na educação física escolar como ação social com o potencial de trazer bem-estar social as crianças promovendo sua integração, já a outra concepção encontrada sinaliza o uso do paradigma esportivo para justificar a inclusão no cotidiano das aulas de educação física.

Nos objetivos específicos se procuramos dar visibilidades as práticas pedagógicas utilizadas pelos professores diante desses alunos e a inclusão como assunto transversal no campo escolar.

Sendo assim, os objetivos específicos foram contemplados nas narrativas dos professores, P1 e P2 definiram a inclusão em campos distintos, compartilharam praticas pedagógicas enriquecedoras e evidenciaram dificuldades e acertos da equipe escolar para proporcionar a inclusão dos alunos com deficiência.

De maneira particular, esse trabalho supriu minhas dúvidas sobre a temática de inclusão de alunos com deficiência na Educação Física Escolar, vale ressaltar que a fonte da pesquisa foram os professores, que ganharam espaço para narrar sobre a inclusão.

Academicamente o trabalho nos dá como base olhar para os professores como sujeitos autônomos e com voz ativa, isso ficou evidente em todo o trabalho pois a construção do mesmo só foi possível pelas narrações e colaboração dos professores entrevistados, que ao recordar suas experiências de aprendizagem (BONDIA, 2002) montaram um complexo cenário que articulou suas ações particulares e como eles percebiam o trabalho de terceiros em suas ações.

## REFERENCIAS

ABRAÃO, Maria Helene Menna Barreto. Memória, narrativas e pesquisa autobiográfica. História da Educação, ASPHE/FaE/UFpel, Pelotas, N.14, p.79-95, set. 2003. Material impresso, 18 p.

BONDIA Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência\*. Universidade de Barcelona, Espanha, Jan/Fev/Mar/Abr 2002 N° 19. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-4782002000100003&script=sci\\_abstract&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-4782002000100003&script=sci_abstract&tlng=pt)>. Acesso em 20 out. 2019.

BRASIL. Casa Civil. **Lei 7.853, de 24 de outubro de 1989**. Dispõe sobre o apoio às pessoas portadoras de deficiência, sua integração social, sobre a Coordenadoria Nacional para Integração da Pessoa Portadora de Deficiência - Corde, institui a tutela jurisdicional de interesses coletivos ou difusos dessas pessoas, disciplina a atuação do Ministério Público, define crimes, e dá outras providências. Brasília – DF, 1989.

BRASIL, **Nota Técnica N° 20 / 2015 / MEC / SECADI / DPEE**, que orienta aos sistemas de ensino visando ao cumprimento do artigo 7° da Lei n° 12764/2012 regulamentada pelo Decreto n° 8368/2014. Ministério da Educação- Brasília-DF, 2015.

BRASIL, Senado Federal, **LEI N° 13.146, DE 6 DE JULHO DE 2015**. Que Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). Brasília- DF, 2015.

BRASIL. Estatuto da Criança e do Adolescente. **Lei 8.069/90**, de 13 de julho de 1990.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Base da Educação Nacional. Lei n° 9.394**, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília, DF, 1996b. Disponível em: <[www.planalto.gov.br](http://www.planalto.gov.br)>. Acesso em: 18 Fev. 2019.

BRASIL/MEC. **Lei n°. 9.394**, de 20 de dezembro de 1996. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília, DF: 20 de dezembro de 1996.

Charlot, B. (2000). Da relação com o saber -Elementos para uma teoria. Porto Alegre: Editora Artmed. 2000.

CARMO, Apolônio Abadio do. **Inclusão escolar e a educação física**: que movimentos São estes? Educação Física Adaptada, Revista Integração, Brasília, n. 14, p. 6-13, mar. 2002. Ed. Especial.

CHICON, José Francisco; RODRIGUES, Graciele Massoli. **Educação física e os desafios da inclusão** / organizadores.- Vitória, ES: EDUFES, 2013. Material Impresso.

CHICON, José Francisco. Inclusão e Exclusão no Contexto da Educação Física Escolar. São Paulo 2008. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/Movimento/article/view/3760/2123>>. Acesso em: 20 de out. 2019.

COSTA, Aberto Martins; SOUZA, Sonia Bertoni. Educação Física e esporte adaptado: história, avanços e retrocessos em relação aos princípios da integração; inclusão e perspectiva para o século XXI. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v. 25, n. 3,p.7-160, maio 2004

DICHER, Marilu; TREVESSION, Elisaide. 2016. **A jornada histórica da pessoa com deficiência: inclusão como exercício do direito à dignidade da pessoa humana** <<http://publicadireito.com.br/artigos/?cod=572f88dee7e2502b>>. Acesso em 20 out. 2019.

DAOLIO, J. **Educação Física e o conceito de cultura**. Campinas, SP: Autores Associados, 2004.

DUTRA, R. S.; SILVA, S. S. M.; ROCHA, R. C. S. A educação inclusiva como projeto da escola: O lugar da educação física. *Revista Adapta*, ano 2, n. 1, p. 7-12. Rio Claro: UNESP, 2006.

FERRE, Nuria Peres da Lara. Identidade, diferença e diferença: manter viva a pergunta. In: LARROSA, Jorge; SKLIAR, Carlos. **Habitantes de Babel: políticas e poéticas da diferença**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001. p.195-214.

FERREIRA, Flávia Martinelli. DAOLIO, Jocimar. **Educação Física Escolar e Inclusão: Alguns desencontros**. **Revista Kinesis**, ed. 32 vol 2, jul-dez de 2014, Santa Maria. DOI 105902/0102830812517 2014. Material impresso.

FERREIRA, Flávia Martinelli. DAOLIO, Jocimar. **Educação Física Escolar e Inclusão: Alguns desencontros**. **Revista Kinesis**, ed. 32 vol 2, jul-dez de 2014, Santa Maria. DOI 105902/0102830812517 2014. Material impresso.

FREIRE, Sofia. Um olhar sobre a inclusão. **Revista da Educação**, Vol. XVI, nº 1, 2008 | 5 – 20. Disponível em: <<https://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/5299/1/Um%20olhar%20sobre%20a%20Inclus%C3%A3o.pdf>>. Acesso em: 20 set.2019.

GLAT, Rosana e FERNANDES, Edicléa Mascarenhas. **Da Educação Segregada à Educação Inclusiva: uma Breve Reflexão sobre os Paradigmas Educacionais no Contexto da Educação Especial Brasileira.** Artigo publicado na Revista Inclusão nº 1, 2005, MEC/ SEESP. Disponível em: <<https://pt-static.z-dn.net/files/df5/ac5f60b62303b5061bfba7c01690e129.pdf>>. Acesso em: 18 Jan. 2019.

MACIEL, Maria Regina Cazzaniga. **Portadores de deficiência a questão da inclusão social.** São Paulo Perspec. vol.14 no.2 São Paulo Apr./June 2000. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-88392000000200008&script=sci\\_arttext&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-88392000000200008&script=sci_arttext&tlng=pt)>. Acesso em: 20 Fev. 2019.

MAIOR, Izabel. **História, conceito e tipos de deficiência** Rio de Janeiro, 2018. Material impresso. Material impresso, 8 p.

MANDARINO, Cláudio Marques. **Sitamentos sobre a in/exclusão na educação física escolar** in: CHICON, José Francisco Francisco e RODRIGUES Graciele Massoli (orgs.) Educação física e os desafios da inclusão. Vitória, ES : EDUFES, 2001.

MILAN, Fabrício João. SALLES, William das Neves & RODRIGUES, Lilian Beatriz Schwinn. **Educação física adaptada como perspectiva de inclusão: a percepção de escolares na educação física escolar. Conexões: Educ. Fís., Esporte e Saúde, Campinas: SP, v. 15, n. 4, p. 432-451, out./dez. 2017. ISSN: 1980-9030.**

MANTOAN, M. T. E. **Inclusão Escolar: O que é? Por quê? Como fazer?** Editora Moderna 2003.

MUYLAERT, Camila Junqueira, SARUBBI JR; Vicente; GALLO, Paulo Rogério; NETO, Modesto Leite Rolim , REIS, Alberto Olavo. **Advincula. Narrative interviews: an important resource in qualitative research.** Rev Esc Enferm USP 2014; 48(Esp2):184-189. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/reeusp/v48nspe2/0080-6234-reeusp-48-nspe2-00184.pdf>>. Acesso em: 02 nov. 2019.

NOGUEIRA, Dilma. **A importância da Educação Física para os portadores de Deficiência Física.** 2014. Disponível em: <<https://pedagogiaaopedaletra.com/a-importancia-da-educacao-fisica-para-os-portadores-de-deficiencia-fisica/>>. Acesso em set. 2019.  
O papel da escola no século XXI. Relatório do Desenvolvimento Humano 2000. Material impresso. 20 p.

RIBEIRO, Sônia Maria. **O esporte adaptado e a inclusão de alunos com deficiências nas aulas de educação física.** Piracicaba, SP- 2009. Disponível em: <<https://www.unimep.br/phpg/bibdig/pdfs/2006/INAYIPCIURCT.pdf>>. Acesso em: 12 Dez. 2018.

SÁ Maria das Graças Carvalho Silva de e CHICON José Francisco. Educação Física Adaptação e Inclusão. Universidade Aberta do Brasil, Espírito Santo, (2012). Material impresso 104 p.

SAMPAIO, D. **Voltei à escola**. Lisboa: Editorial Caminho, 1996.

SCHWARTZ, Yves. **A Experiência é Formadora?** Educação & Realidade, vol. 35, núm. 1, enero-abril, 2010, pp. 35-48 Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2010. Material impresso.

SILVA, Maria Odete Emygdio da. Educação Inclusiva – um novo paradigma de Escola. **Revista Lusófona de Educação**, 19, 119-134 – 2011. Material impresso. 119-133 p.

SILVA José Pretto da; PANAROTTO, Janice. **A Inclusão no Contexto Atual**. XI Simpósio de excelência em gestão e tecnologia Caxias do Sul- UCS – RS, 2014. Material impresso. 17 p.

SILVEIRA, Laureano **Desenvolvimento humano e desenvolvimento sustentável: o papel da escola no século XXI**. 2005 disponível em: <<http://repositorio.esepf.pt/handle/20.500.11796/721>>. Acesso em: 10 set. 2019.

VEIGA-NETO. LOPES, Alfredo e Maura Corcini. **Inclusão, exclusão, in/exclusão**. Verve, 20: 121-135, 2011. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/verve/article/view/14886>>. Acesso em: 02 Set. 2019.

WERNECK, Claudia. Muito prazer eu existo. 4ª ed. Rio de Janeiro, WVA, 1993.

**APÊNDICE A - QUESTIONÁRIO APLICADO AOS PROFESSORES DE  
EDUCAÇÃO FÍSICA**

**APÊNDICE A**  
**QUESTIONÁRIO APLICADO AOS PROFESSORES DE EDUCAÇÃO FÍSICA**

- 1- Durante sua graduação você teve contato com discussões sobre a inclusão? Também queria saber se você teve contato com uma disciplina que discutia a inclusão na educação física escolar? Se teve, como era essa disciplina?
- 2- Já teve ou tem alunos PCD?
- 3- Quando você chega na turma e percebe que têm alunos PCD o que você faz? Quais suas primeiras ações?
- 4- A coordenação pedagógica passa para você o laudo médico do aluno? Existe algum tipo de auxílio da coordenação pedagógica para que você realize seu trabalho atendendo as necessidades dos PCD?
- 5- Considerando o trabalho com esses alunos, como o senhor organiza sua aula? Tem alguma prática que gostaria de destacar? Alguma atividade que costuma fazer, se sim, descreva por favor
- 6- Como é sua relação com esses alunos? No dia a dia, sobre o que conversam, o que você observa nos desejos deles, que eles compartilham com você
- 7- Na sua análise o que poderia melhorar na escola para melhorar o acesso as PCD ao ensino? Especialmente da educação física?
- 8- Falando agora dos conteúdos de ensino da educação física, quais deles você considera mais complexo de se trabalhar em uma turma que possui PCD?
- 9- Para finalizar, duas perguntas: a) que é inclusão para você; b) como a educação física pode contribuir para a formação das pessoas com deficiência?

## APÊNDICE B

### Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)

“O TCLE respeita a pessoa e sua autonomia, permitindo ao indivíduo decidir se quer e como quer contribuir para a pesquisa”. (Res. nº. CNS 466/12).

Prezado (a) Senhor (a),

O (s) aluno (s) do curso de Educação Física da Universidade Federal do Tocantins, abaixo identificado (s), solicita (m) sua colaboração no sentido de que o senhor faça parte de uma pesquisa que será desenvolvida sob a minha supervisão como pesquisador(a) responsável. Junto com este convite para sua participação voluntária estão explicados a seguir todos os detalhes sobre o trabalho que será desenvolvido para que o (a) senhor(a) entenda sem dificuldades e sem dúvidas os seguintes aspectos:

Título: A Educação Física e o desafio da inclusão de alunos com deficiências: as percepções dos professores da rede estadual de ensino de Miracema do Tocantins

Pesquisador responsável: Prof. Lucas Xavier Brito

Pesquisador (es /as) colaborador (es/as): Mateus Pereira Campos

O objetivo do estudo é: Compreender como os professores de Educação Física nas escolas estaduais de Miracema do Tocantins tem compreendido, tratado e organizado suas aulas quando possuem alunos com deficiência nas turmas.

Os possíveis riscos e desconfortos que a pesquisa poderá trazer a (ao) Senhor (a) é: Para a coleta de dados, após obter o consentimento, o participante será convidado a um local devidamente adequado onde serão realizadas as entrevistas de maneira individualizada. No primeiro momento serão feitas as perguntas sem uso do gravador de áudio, a fim de tirar dúvidas em relação às mesmas, após esse momento de acomodação e de esclarecimentos será usado o gravador de áudio.

A cada participante será informado que terão o tempo necessário para pensar nas respostas e que seria importante que respondessem com o maior número de detalhes possíveis. A questão seguinte só será apresentada após a resposta da questão anterior.

Todas as perguntas e respostas serão gravadas pelo gravador de áudio e posteriormente transcritas sem nenhuma alteração nos apêndices do trabalho.

Os possíveis riscos e desconfortos que a pesquisa poderá trazer a (ao) Senhor (a) é: A pesquisa oferecerá um risco mínimo, pois os voluntários apenas responderão a uma entrevista estruturada, onde este risco será sanado com a aplicação da entrevista em um local adequado e

reservado, garantindo assim o bem estar e o conforto dos participantes neste momento, não podendo o entrevistador nesta ocasião emitir opiniões que poderão influenciar nas respostas dos participantes.

Os benefícios que o senhor (a) deverá esperar com a sua participação são: as discussões propostas poderão contribuir na formulação de políticas públicas para desenvolvimento da temática abordada, principalmente na tange a formação inicial e continuada dos professores de Educação Física.

Enquanto durar a pesquisa, e sempre que necessário, o(a) senhor(a) será esclarecido(a) sobre cada uma das etapas do estudo telefonando ou nos

Procurando a qualquer momento durante as 24 horas do dia nos telefones e/ou

Endereços abaixo descritos, onde nós estaremos disponíveis para quaisquer esclarecimentos. O (ao) senhor (a) é absolutamente livre para, a qualquer momento, desistir de participar, sem que isso lhe traga qualquer penalidade ou prejuízo.

Fica claro que as informações conseguidas através da sua participação nesta pesquisa, poderão contribuir para elaboração de um Trabalho de Conclusão de Curso. Nós pesquisadores garantimos sua total privacidade, não sendo expostos os seus dados pessoais e/ou sua família (nome, endereço e telefone). Quanto a imagens pessoais resultantes de sua participação neste estudo, serão colhidas de forma a preservar a integridade total (sua e/ou da família) sem risco de discriminação e/ou estigmatização.

Assumimos o compromisso de trazer-lhe os resultados obtidos na pesquisa assim que o estudo for concluído e aproveitamos para informar que a sua participação nesta pesquisa é totalmente voluntária não havendo qualquer previsão de indenização ou ressarcimento de despesas, que correrão sob nossa responsabilidade.

Esperando tê-lo informado de forma clara, rubricamos todas as páginas do presente documento que foi elaborado em duas vias sendo uma delas destinada ao senhor.

-----  
Lucas Xavier Brito Tel: (63) 98420 5158

-----  
Mateus Pereira Campos

**APÊNDICE C**  
**TERMO DE CONSENTIMENTO**

Declaro que fui informado(a) dos objetivos, riscos e benefícios da pesquisa acima de maneira clara e detalhada e que compreendi perfeitamente tudo o que me foi informado e esclarecido sobre a minha participação na pesquisa. Estando de posse de minha capacidade psíquica e legal, concordo em participar do estudo de forma voluntária sem ter sido forçado e/ou obrigado e sem receber pagamento em qualquer espécie de moeda.

Assino este documento em duas vias com todas as páginas por mim rubricadas.

Miracema, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_.

.....  
RG: